

Jairo GERBASE
Rua Aracaju 62 Barra
40140-360 Salvador Bahia
Tel (071) 245 07 69
Fax (071) 247 38 74

A ciência e a verdade

Estenografia da aula de abertura do seminário que mantivemos no ano 1965-66 na École Normale Supérieure sobre O objeto da psicanálise, na qualidade de responsável das conferências da École Pratique des Hautes Études (VIa. seção).

Seu texto foi publicado no primeiro número do Cahiers pour l'analyse, editado pelo Cercle d'épistemologie de l'E.N.S., ou seja, em janeiro de 1966.

O estatuto do sujeito na psicanálise, diremos que o ano passado temos fundado? Chegamos a estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de refendimento, de Spaltung em que o psicanalista o situa em sua praxis. Este refendimento, ele o situa de modo, em alguma medida, cotidiano. Ele o admite, porque o simples reconhecimento do inconsciente é suficiente para motivá-lo, e também porque ele o submerge, se assim posso dizer, na base de sua constante manifestação.

Mas para que saiba o que acontece com sua praxis, ou simplesmente para que a dirija de acordo ao que lhe é acessível, não basta que esta divisão seja para ele um fato empírico, nem mesmo que o fato empírico esteja formado de paradoxo. É preciso uma certa redução às vezes de longo cumprimento, mas sempre decisiva para o nascimento de uma ciência; redução que constitui propriamente seu objeto. É isto que a epistemologia se propõe definir em cada caso assim como em todos, sem ter-se mostrado, pelo menos aos nossos olhos, à altura de sua tarefa.

Pois que eu saiba ela não tem dado conta plenamente, por meio dessa mutação decisiva que pela via da física fundou A ciência no sentido moderno, sentido que se coloca como absoluto. Esta posição da ciência se justifica a partir de uma mudança de estilo radical no tempo de seu progresso, da forma galopante de sua imissão em nosso mundo, das reações em cadeia que caracterizam o que se pode chamar as expansões de sua energética. Diante de tudo isso nos parece ser radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: que ela é inaugural e que a ciência a reforça cada vez mais.

Koyré é nesse caso nosso guia e como se sabe ele é ainda desconhecido. Portanto, não ultrapassei ainda o passo concernente a vocação de ciência da psicanálise. Mas pude observar que tomei por fio condutor o ano passado um certo momento do sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido do qual talvez resta saber se é estritamente repetível na experiência, aquele que Descartes inaugura e que se chama o cogito.

Esse correlato, como momento, é o desfiladeiro de uma rejeição de todo saber, mas, sem dúvida, pretende fundar para o sujeito uma certa atadura

no ser, que para nós constitui o sujeito da ciência, em sua definição, este termo devendo ser entendido no sentido de porta estreita. Este fio não nos guiou em vão, porque nos levou a formular no fim do ano, nossa divisão experimentada do sujeito, como divisão entre o saber e a verdade, acompanhando-o com um modelo topológico, a banda de Moebius que permite entender que não é de uma distinção de origem que deve provir a divisão em que esses dois termos vêm convergir.

Aquele que se fia quanto a Freud na técnica de leitura que é obrigatória se impor quando se trata simplesmente de recolocar cada um de seus termos em sua sincronia, saberá remontar da Ichspaltung sobre a qual a morte abate sua mão, aos artigos sobre o fetichismo (de 1927) e sobre a perda da realidade (de 1924), para constatar que o dito remanejamento doutrinário chamado da segunda tópica não introduz sob os termos do Ich, Uberich, até mesmo do Es nenhuma certificação de aparelhos, mas uma retomada da experiência de acordo com uma dialética que se define do melhor modo como o que o estruturalismo, depois, permite elaborar logicamente: a saber o sujeito, e o sujeito considerado em sua divisão constituinte.

Após o que o princípio de realidade perde a discordância que o marcaria em Freud se ele devesse, por uma justaposição de textos, se dividir entre uma noção de realidade que inclui a realidade psíquica e outra que faz dela o correlato do sistema percepção-consciência.

Ele deve ser lido tal como de fato ele se designa: a saber a linha de experiência que sanciona o sujeito da ciência.

E é suficiente pensar para que logo tomem seu campo essas reflexões que se interdita como demasiado evidentes.

Por exemplo: que é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, tivessem tomado seu lugar antes do nascimento, no século que se chamou o século do genio, o XVII, da ciência, considerando isto no sentido absoluto há pouco indicado, sentido que não se apaga sem dúvida o que se instituiu sob este mesmo nome anteriormente, mas que em vez de encontrar ali seu arcaísmo, tira do fio para si de uma maneira que mostra melhor sua diferença em relação a qualquer outra.

Uma coisa é certa: se o sujeito está bem aí, no núcleo da diferença, toda referência humanista no caso torna-se superflua, pois é a isso que ela fecha o caminho.

Não visamos, ao dizer isto da psicanálise e da descoberta de Freud, este acidente que seja porque seus pacientes lhe chegaram em nome da ciência e do prestígio que ela confere no fim do século XIX a seus servidores, mesmo de grau inferior, que Freud tenha conseguido fundar a psicanálise, descobrindo o inconsciente.

Dizemos, ao contrário do que se borda acerca de uma pretensa rutura de Freud com o cientificismo de seu tempo, que é este mesmo cientificismo se se quer designá-lo bem em sua fidelidade aos ideais de um Brücke, els mesmos transmitidos do pacto em que um Helmholtz e um Du Bois-Reymond haviam decidido fazer entrar a fisiologia e as funções do pensamento consideradas como incluídas nela, nos termos matematicamente determinados da termodinâmica chegada ao seu quase acabamento em seu tempo, que conduziu Freud, como seus escritos nos demonstram, a abrir a via que leva para sempre seu nome.

Dizemos que esta via jamais se separou dos ideais deste cientificismo, já que assim o é chamado, e que a marca que ela traz dele não é contingente porém permanece lhe sendo essencial.

Que é desta marca que ela conserva seu crédito, apesar dos desvios aos quais ela se prestou, e exatamente na medida em que Freud se opôs a esses desvios, e sempre com uma segurança sem vacilações e um rigor inflexível.

A prova disso é sua rutura com seu adepto mais prestigioso, justamente Jung, desde que ele deslizou em algo cuja função não pode ser definida de outra maneira a não ser por tentar restaurar um sujeito dotado de profundidades, este último termo no plural, o que quer dizer um sujeito composto de uma relação ao saber, relação chamada arquetípica, que não fosse reduzido àquilo que permite a ciência moderna na exclusão de qualquer outra, a qual não é nada senão a relação que definimos o ano passado como pontual e evanescente, esta relação ao saber que guarda, de seu momento historicamente inaugural, o nome de cogito.

É a essa origem indubitável, patente em todo trabalho de Freud, à lição que ele nos deixa como gurú (chef d'école), que se deve que o marxismo não tenha conseguido - e que eu saiba nenhum marxista mostrou qualquer insistência nisso - colocar em questão seu pensamento em nome de seus laços históricos.

Quero dizer claramente: com a sociedade da dupla monarquia, pelos limites judaizantes em que Freud fica confinado em suas aversões espirituais; com a ordem capitalista que condiciona seu agnosticismo político (quem dentre vocês nos escreverá um ensaio, digno de Lamennais, sobre a indiferença em matéria de política?); acrescentarei: à ética burguesa, através da qual a dignidade de sua vida vem nos inspirar um respeito que tem função de inibir o que sua obra tem realizado. se não é no mal-entendido e na confusão, o ponto de de concorrência dos únicos homens da verdade que nos restam, o agitador revolucionário, o escritor que com seu estilo marca a língua, sei em quem penso, e este pensamento que renova o ser do qual temos o precursor.

Sente-se a pressa que tenho de emergir de tantas precauções tomadas para remeter os psicanalistas às suas certezas menos discutíveis.

Seria preciso voltar a isso, mesmo ao preço de algumas prolixidades.

Dizer que o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser mais do que o sujeito da ciência pode passar por paradoxo.

É, no entanto aí, que deve ser feita uma demarcação, na falta da qual tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares se chama objetiva: porém que é falta de audácia e falta de ter localizado o objeto que se perde. Somos sempre responsáveis por nossa posição de sujeito. Chame-se a isso de terrorismo onde se queira. Tenho o direito de sorrir, porque não será em um meio em que a doutrina é abertamente matéria de compromissos, que temeria ofuscar ninguém formulando que o erro da boa fé é de todos o mais imperdoável.

A posição do psicanalista não deixa escapatória, porque ela exclui a ternura da bela alma. Se é ainda um paradoxo dizer isto, é talvez também o mesmo.

Seja como for, coloco que toda tentativa, mesmo tentação em que a teoria corrente não deixa de ser relapsa, por encarnar o sujeito mais além, é errância, - sempre fecunda em erro, e como tal equivocada. Tal como ao encarná-la no homem, à qual retorna à criança.

Pois este homem será aí o primitivo, o que tornará falso tudo do processo primário, do mesmo modo que a criança desempenhará aí o papel de subdesenvolvido, o que mascarará a verdade do que se passa de original durante a infância. Em suma, o que Claude Lévi-Strauss denunciou como a ilusão arcaica é inevitável na psicanálise, se não nos mantemos firmes na teoria acerca do princípio que enunciemos há pouco: que nela um só sujeito é recebido como tal, o que pode fazê-lo científico.

É mostrar suficientemente que não consideramos que a psicanálise demonstre aqui nenhum privilégio.

Não há ciência do homem, o que se deve entender no mesmo tom de não há pequenas economias. Não há ciência do homem, porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito.

É bem conhecida minha repugnância de sempre pela apelação de ciências humanas, que me parece ser o próprio apelo da servidão.

Também porque o termo é falso, deixando de lado a psicologia que descobriu os meios de sobreviver com os serviços que ela oferece à tecnocracia; inclusive, como conclui com um humor verdadeiramente swiftiano um artigo sensacional de Canguilhem: em uma deslizada de tobogam do Panthéon à Préfecture de Police. Desse modo, é no nível da seleção do criador na ciência, do recrutamento da pesquisa e de sua manutenção, que a psicologia encontra seu fracasso.

Quanto a todas as outras ciências dessa classe, ver-se-á facilmente que elas não formam uma antropologia. Examine-se Lévy-Bruhl ou Piaget. Seus conceitos, mentalidade dita pré-lógica, pensamento ou discurso pretensamente egocêntrico, não têm referência a não ser à mentalidade suposta, ao pensamento presumido, ao discurso efetivo do sujeito da ciência, não dizemos do homem da ciência. De modo que muitos sabem que os limites: mentais certamente, a debilidade do pensamento: presumível, o discurso efetivo: um tanto enredador (coton) do homem da ciência (o que continua sendo diferente) chegam a lastrar estas construções, não desprovidas, sem dúvida, de objetividade, mas que não interessam a ciência a não ser na medida em que não trazem: nada sobre o mágico, por exemplo, e pouco sobre a magia, ainda que algo sobre seus traços, embora esses traços sejam de um ou de outro, posto que não foi Lévy-Bruhl quem os traçou, - enquanto que o balanço no outro caso é mais severo: não nos ensina nada sobre a criança, pouco sobre seu desenvolvimento, já que falta aí o essencial, e da lógica que ele demonstra, entendo a criança de Piaget, em suas respostas aos enunciados cuja série constitui a prova, nenhum outra senão aquela que presidiu em sua enunciação aos fins da prova, isto é, a do homem da ciência, em que o lógico, não o nego, na oportunidade guarda sem preço.

Nas ciências muito mais válidas, ainda que seu título deva ser revisto, constatamos que ao se interditar a ilusão arcaica que podemos generalizar no termo psicologização do sujeito, isto não trava de modo algum a fecundidade.

A teoria dos jogos, melhor dizendo, a estratégia é exemplo disso, em que se aproveita o caráter inteiramente calculável de um sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes.

O caso da linguística é mais sutil, já que ela deve integrar a diferença do enunciado à enunciação, o que é bem a incidência desta vez do sujeito que fala, enquanto tal (e não do sujeito da ciência). É por isso que ela vai se centrar sobre outra coisa, a saber a bateria do significante, do qual trata-se de garantir a prevalência sobre estes efeitos de significação. É também desse lado que aparecem as antinomias, a dosar segundo os extremismos da posição adotada na seleção do objeto. O que se pode dizer, é o que vai mais longe na elaboração dos efeitos da linguagem, já que se pode construir aí uma poética que nada deve à referência ao espírito do poeta, não mais que a sua encarnação.

É do lado da lógica que aparecem os diversos índices de refração da teoria em relação ao sujeito da ciência. Eles são diferentes para o léxico, para o morfema sintático e para a sintaxe da frase.

De onde as diferenças teóricas entre um Jakobson, um Hjelmslev e um Chomsky.

É a lógica que preenche aqui o ofício do umbigo do sujeito, e a lógica enquanto não é de modo algum lógica ligada às contingências de uma gramática.

É preciso literalmente que a formalização da gramática contorne essa lógica para se estabelecer com êxito, mas o movimento desse contorno está inscrito nesse estabelecimento.

Indicaremos mais tarde como se situa a lógica moderna (3o. exemplo). Ela é incontestavelmente a consequência estritamente determinada de uma tentativa de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que le encalha aí, o que quer dizer que o sujeito em questão permanece o correlato da ciência, mas um correlato antinômico posto que a ciência se verifica definida pelo não-êxito do esforço para suturá-lo. Que se compreenda aqui a marca que não deve faltar do estruturalismo. Ele introduz em toda a "ciência humana", entre aspas, que conquista, um modo muito especial do sujeito, aquele através do qual não encontramos um índice a não ser topológico, digamos o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oito interior.

O sujeito está, se podemos dizer, em exclusão interna ao seu objeto. A pertinência que a obra de Claude Lévi-Strauss manifesta a um tal estruturalismo não será colocada aqui na conta de nossa tese a não ser contentando-nos por ora com sua periferia. Entretanto, é claro que o autor faz valer tanto melhor o alcance da classificação natural que o selvagem introduz no mundo, especialmente por um conhecimento da fauna e da flora que nos ultrapassa, como ele sublinha, que pode arguir com uma certa recuperação, que se anuncia na química, por uma física das qualidades do sabor e do odor, dito de outro modo, por uma correlação dos valores perceptivos a uma arquitetura de moléculas à qual temos chegados pela via da análise combinatória, dito de outra maneira, pela matemática do significante, como em toda ciência até aqui.

O saber está, portanto, aqui bem separado do sujeito segundo a linha correta que não faz qualquer hipótese sobre a insuficiência de seu desenvolvimento, ao qual, de resto, não seria fácil demonstrar.

Há mais: Cl. Lévi-Strauss, depois de ter extraído a combinatória latente nas estruturas elementares do parentesco, quando nos dá testemunho que tal informante, para tomar emprestado o termo dos etnólogos, é inteiramente capaz de traçar o grafo lévi-straussiano, que nos diz, senão que ele também extrai aí o sujeito da combinatória em questão, aquele que em seu grafo não tem outra existência a não ser a denotação ego?

Ao demonstrar a potência do aparelho que constitui o mitema para analisar as transformações mitógenas, que nesta etapa parecem se instituir numa sincronia que se simplifica por sua reversibilidade, Cl. Lévi-Strauss não pretende nos oferecer a natureza do mitante. Ele sabe tão somente aqui que se seu informante é capaz de escrever o cru e o cozido